

Tinha eu sete anos, quando meus pais, que eram funcionários públicos, foram transferidos de Guarapuava para Tibagi.

Foi numa brumosa e fria manhã do mês de Junho, que partimos. Muitas pessoas foram à nossa casa, levar as suas despedidas. Naquela cidade, meus pais moraram por espaço de 12 anos, e portanto iriam deixar ali, grande número de amigos. Os alunos da minha mãe tinham os olhos marejados de lágrimas ao se despedirem dela.

A nossa família era numerosa: 11 (onze) pessoas!... Naquele tempo viajavam-se de carroça. Lembro-me daquela que nos iria conduzir: era grande, coberta com uma tolda pardacenta e puxada por oito cavalos. Ao fundo colocaram colchões e almofadas para amortecer os socos.

Depois das despedidas, tomamos os nossos assentos e a carroça começou a andar. Os nossos lenços já se desdobraram em acenos, até desaparecer de todo a multi-

UMÁ VIAGEM DE CARROÇA (Impressões de criança)

dão chorosa que também nós acenava.

Ao longe ainda, pela última vez, mergulhei meus olhos magoados no casario da minha terra natal, envolto em neblina. Iamos todos tristes e pouco falávamos.

Após algumas horas de viagem, avistamos uma serra. Aqui esquecemos as nossas tristezas, para contemplarmos embevecidos aquela montanha de que já ouvimos falar. Iamos atravessá-la! Que emoção! Descemos todos da carroça e fomos à frente, fazendo grande trajeto a pé. Ai já se havia desfeito a cerração e o sol com todo esplendor, iluminava tudo. Paramos num alto, de onde se divisava a estrada, cortando a serra. Nesse momento, a carroça atravessava esse caminho, e nós a observávamos, com medo que ela tombasse no precipício. Que seria de nós se assim acontecesse? Receiávamos pela

nossa condução, que naquele momento e daquele lugar, parecia tão insignificante, qual uma caixinha de fósforos diante do imenso e profundo abismo, tufado pelas copas de gigantescas árvores, que emergiam como figuras colossais a desafiar o mundo!

Que magnificência! Não me cansava de contemplar tanta beleza! Cheguei a debruçar-me nas pedras que circundavam a borda do abismo, para vê-lo melhor, mas fui repreendida por uma das minhas irmãs. Depois, passada a serra, embarcamos de novo.

Ainda não tinha escurecido de todo quando chegamos numa hospedaria à beira da estrada. Era uma casa modesta, de madeira, pintada de branco. Veio receber-nos um casal de poloneses, donos da estalagem. Jantamos e fomos repousar. Estranhei a cama, era tão alta que precisei de um banquinho para alcançá-la. Mas ao deitar-me vi que era macia, o colchão e as cobertas eram de penas e muito limpas. A noite eu ouvia o barulho dos guisos sacudidos pelos animais que estavam próximos. Esse som perdurou na minha imaginação, até hoje, quando ouço um som de guiso, principalmente em horas mortas da noite, aviva-se-me a recordação da minha primeira viagem!

No dia seguinte, pela manhã continuamos a nossa jornada. Depois de tudo pronto, de termos saboreado um bom café com leite e gostosa manteiga, meu pai pediu a conta ao hoteleiro que indeciso disse:

— O senhor não acha muito oito mil réis?

Meu pai prontamente pagou-lhe as despesas feitas por onze pessoas. (Felizes tempos aqueles!...) Depois prosseguimos. A tardinha chegamos em Prudentópolis. Nesse lugar morava uma das minhas irmãs mais velhas, casada com um tabelião. Ali iríamos ficar dois dias em companhia da mana. As suas primeiras filhas eram mais ou menos da minha idade, e por elas, fomos nós, as caçulas da família, recebidas com festas, risos e alegria.

Na noite do dia seguinte, a população da vila, ofereceu um baile às minhas irmãs que eram moças. Preparamo-nos e comparecemos todos. O salão era grande e bem iluminado com lampeões suspensos do teto e alguns colocados em aparadores. O assoalho estava branco de esparmacete. Tocou a primeira valsa, lenta e compassada. Sai dansando com a minha sobrinha. Tanto eu como ela estávamos compeñetradas, porém, bem no meio do salão, escorreguei e... bumba!... Nós duas levamos um formidável tombo! Levantamo-nos depressa, vermelhas e envergonhadas corremos a esconder-nos. Para nós a festa perdera o encanto.

No último dia da nossa estada em Prudentópolis, fomos visitar a Igreja ruína, um templo enorme e magnífico. Disse o meu cunhado que aquela construção fora feita sem levar um só prego, era toda encaixada. Olhei assustada a ampla abóbada da igreja com receio de que ela despenhasse sobre nossas cabeças.

Depois de dois dias de permanência em Prudentópolis, continuamos a viagem. Partimos num dia radioso de sol. O céu estava azul e sem nuvens. Iamos alegres desde que embarcamos. Cantávamos e recitávamos, enquanto lentamente a carroça seguia. Ao fim do dia o frio aumentara e a limpidez do céu prometia forte geada. Felizmente chegamos em Imbituva, onde fomos hospedar-nos em casa de duas tias ali residentes. Quando a carroça parou em frente à casa, já as duas bondosas velhinhas vieram abraçar-nos. Ficamos em Imbituva um dia, depois prosseguimos.

A nossa "arca de Noé" como meu pai chamava à carroça, ia vagarosamente conduzindo-nos. Costumamos a vê-la como nossa amiga e protetora, como se ela fosse o nosso lar ambulante, sempre pronta a agasalhar-nos do frio, do sol e de todas as intempéries. O velho cocheiro que a dirigia, parecia-nos um gênio bom, sempre atento e alegre. Às vezes, durante a viagem, a minha irmã mais velha contava-nos histórias de fadas e duendes. Nesses momentos ouvia-se apenas a sua voz, os guisos dos animais e o bater dos cascos na estrada poeirenta que se perdia por entre capoeiras e campinas. Parávamos algumas vezes e descíamos todos. O cocheiro cuidava dos animais, e nós procurávamos a sombra de uma árvore, para aí prepararmos o nosso café; meu pai e ir-

mãos arranjavam gravetos para acender o fogo, as manas viam os apetrechos precisos para passar o café. A fumaça subia e os galinhos secos estalavam no fogo, enquanto na chaleira a água cantava. Que cafézinho delicioso tomávamos à beira da estrada!... Após tudo arrumado, a viagem prosseguia.

Um arcaí dificultava a marcha dos cavalos quando entramos em Conchas, (hoje Uvaia) arfavam eles, enterrando os cascos na areia fofa das ruas. Lembrei-me dos desertos, de histórias de beduínos, e pensei então que naquelas tristes casas morassem homens que vestissem longas roupagens, como os moradores das regiões áridas. Em Conchas apenas pousamos. No dia seguinte rumamos para Ponta Grossa, que era o último ponto de carroça, dali iríamos por estrada de ferro até Castro para depois tomarmos a diligência de Tibagi.

O nosso entusiasmo era grande, pois mais uma vez viajaríamos na nossa arca. As conversas desse dia foram mais animadas, os projetos mais discutidos. Como de costume tomamos café na estrada, porém, após tê-lo tomado, encaixotamos todos os objetos, não mais iríamos precisar deles. Os colchões foram esvaziados e queimado o capim. Disposto tudo, seguimos.

Estávamos perto de Ponta Grossa. As quatro horas da tarde, mais ou menos, entrávamos nas ruas desta cidade. Depois de percorrermos várias delas, paramos em frente ao Hotel Stumbo. Desembarcamos. Nenhum de nós entrou no Hotel, ficamos perto da carroça, a olhar o seu descarregamento, sem coragem de abandoná-la. Afinal o cocheiro, com os olhos cheios de lágrimas, estendeu-nos a mão calosa despedindo-se. Estávamos tristes. Eu sabia que toods tinham como eu, o coração angustiado, mas ficamos silenciosos olhando a carroça, até desaparecer, no fim da rua. Depois é que observei as casas. O Hotel ficava perto da Estação da Estrada de Ferro. Em frente havia uma rua muito larga, coberta de lama amassada pelas patas dos cavalos atrelados nos carros que passavam. A Estação da Estrada de Ferro erguia-se no fundo, com suas paredes cinzentas e largas portas. Carros elegantes, de capotas pretas, transitavam pelas ruas lamacentas.

Entramos. Após termos tirado o pó da viagem fomos jantar. Já era noite quando nos sentamos à mesa, uma grande mesa que para nós fora arrumada. Terminada a refeição, fomos passear, conhecer o centro da cidade, minha mãe iria visitar uma sua comadre e nós iríamos em grupos conhecer a cidade.

Eu ia apreciando tudo, até chegar à rua 15. Quando entrei naquela rua, então meus olhos se extasiaram. Que encanto! Que luzes! Que mostruários! Estava deslumbrada! Parecia-me uma cidade maravilhosa, erguida por encanto, ao toque de uma varinha de fada! Os meus olhos de criança viam luzes multicores, brinquedos magníficos, bonecas belíssimas, castelos de fadas!... Cidade prodigiosa! Tudo me prendia e encantava!...

Nunca mais na vida achei a cidade milagrosa que seduziram meus olhos de criança... E por mais que procure não posso encontrá-la... Nem São Paulo com seus arranha-céus, nem Santos com suas praias formosas, nem o Rio com todos os seus encantos, nem outras cidades me impressionaram como a cidade de fada que eu vi nos meus tempos de criança, naquela saudosa viagem de carroça que fizemos de Guarapuava a Ponta Grossa.